

O empresário habitava numa casa que se perfilava com o viveiro, ao lado da qual existiam outras servindo de dependências aos edifícios principais

Uma série de maquinarias e utensílios, inclusive barômetros e termômetros, completava a grande organização de Tavares, pondo em destaque os esforços de um cidadão ativo, patriota e industrial

Tendo lutado até o ano de 1847, colheu em curto espaço de tempo dados e experiências para escrevê-las em forma de Memórias

Pouco antes de atingir um decênio possuía o estabelecimento, com o auxílio e concessão dada pela Província do Rio de Janeiro, a criação de 7 onças de «semente» do bicho-da-sêda, contendo cada onça 44 000 sementes. Daí, diz Tavares pretender reservar os casulos necessários para fazer uma criação de 66 onças. Mas com todo esse desenvolvimento estava o estabelecimento sericopédico na iminência de baquear, pois apenas acabava de ser montado já se exigia um lucro infalível e imediato. Numa-nos o própio J. Tavares que o mal foi fazer tudo simultaneamente, cooperando esse erro para grande empate de capital que ficou muito, impossibilitado de resultados satisfatórios e imediatos, uma vez que o lucro de um sericicultor só poderia vir após cinco anos de fecundo labor.

O trabalho exaustivo e a falta de recursos já levavam Tavares ao desânimo, quando lhe estendeu a mão o magnânimo D. Pedro II, nosso benemérito Imperador.

Deste modo tratou o governo provincial de animar a indústria nascente constituindo em 1854 uma comissão de que faziam parte, entre outros, o barão de Mauá e o visconde de Barbacena, para constituírem uma companhia que dirigisse aquela empresa.

Organizou-se então a Imperial Sericopédica Fluminense, fazendo-se D. Pedro II o seu principal acionista.

Em 1855, sendo presidente da Companhia o comendador Francisco José Cardoso, chegou então o estabelecimento a contar com 200 000 pés de amoreiras. Mas, mesmo assim, a empresa só funcionou até 1855 por motivos vários, tendo sido liquidada e ficado ao abandono na mão de um depositário. Em 1860 escreve Tavares as «Memórias sobre a Sericicultura no Império do Brasil». Também em 1864 é editado em Pernambuco um opúsculo de autoria do Padre Ignácio Francisco dos Santos, tendo um capítulo dedicado à sêda.

Vindo a Companhia Sericopédica à praça em 1866, arrematou seus direitos de foros, uma vez que estava dentro dos limites da fazenda Nacional de Santa Cruz, o capitão Luiz Ribeiro de Souza Rezende, graduado como engenheiro mecânico pela Universidade de Leipzig.

Encontrando aí o gémem da preciosa sêda, a Exma. Sra. D. Maria Ambrozina da Mota Rezende, esposa do cap. Luiz Rezende, dedicou-se à criação do bicho-da-sêda, tirando das sementes pequenas quantidades para experiências e deixando a maior parte para reprodução.

Estando a parte do bicho-da-sêda na fazenda aos cuidados da ilustre dama, foi ela em 1875 convidada para expor na Exposição do Rio de Janeiro, que se realizaria no ano seguinte, trabalhos inerentes ao bicho-da-sêda. O entusiasmo deu oportunidade de aparecer na ocasião o livro: "Bicho-da-Sêda e a Amoreira", tradução de um manuscrito francês do Conde de Lá Hure, por Zaluai. Trata-se do Dr. A. E. Zaluai,